



Contemporânea

Contemporary Journal

2(2): 357-383, 2022

ISSN: 2447-0961

Artigo

ONTOLOGIA DA EXISTÊNCIA CONDENADA: FUNDAMENTOS DA TERAPIA EXISTENCIAL DA LIBERTAÇÃO¹

ONTOLOGY OF CONDEMNED EXISTENCE:
FUNDAMENTALS OF EXISTENTIAL RELEASE THERAPY

Recebimento do original: 21/04/2022
Aceitação para publicação: 30/04/2022

Cyntia Regina de Oliveira Yamauchi

Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Nossa Senhora do Patrocínio e Pós-Graduada em Docência do Ensino Superior pela mesma Instituição, CEUNSP. E-mail: cyntia.yamauchi@gmail.com

RESUMO: O presente ensaio de análise teve como objetivo central traçar um diálogo com primeiro capítulo da obra *Existências Condenadas*, do Professor Dr. Gustavo Alvarenga Oliveira Santos, e sob esse constructo, discorrer sobre a Terapia Existencial da Libertação (TEL). A práxis terapêutica organizada por Alvarenga tem como base filosófica o recorte decolonial, sendo assim, conversa com as escolas de pensamento decoloniais latino-americanas, que se conectam e se distanciam da tradição fenomenológico-existencial europeia. A princípio, buscaremos situar o leitor sobre o que vem a ser a existência condenada, alicerçada na crítica decolonial à ontologia fenomenológico-existencial de tradição europeia.

¹ Artigo elaborado como requisito final para aprovação no curso *Existere: Formação em Psicologia Fenomenológico-Existencial*, orientado pelo Me. André Roberto Ribeiro Torres. Campinas 03/2021.



Posteriormente, abordaremos a práxis da Terapia Existencial da Libertação (TEL), almejando o aprofundamento nos conceitos: Che, Ñandé, Oré, Kwaitá como também pensar na relação terapêutica, pois requer, por parte do terapeuta, versatilidade, flexibilidade e sensibilidade para lidar com as urgências comunitárias. Para finalizar, vincularemos a história de Alex, revelada no livro *Existências Condenadas*, com os Fundamentos da Terapia Existencial da Libertação, a fim de propor esse giro decolonial, como é tradicionalmente conhecido.

PALAVRAS-CHAVE: Terapia Existencial da Libertação. Pensamento Decolonial. Fenomenologia-Existencial.

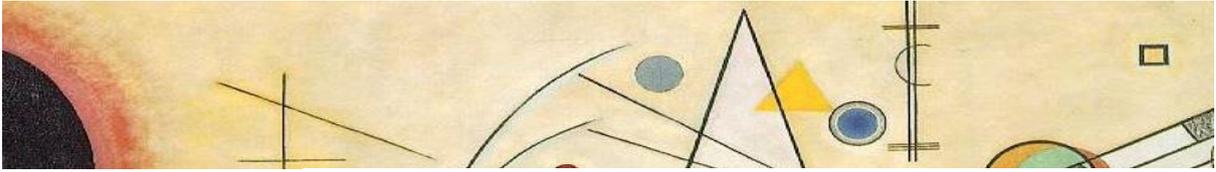
RESUMEN: El objetivo principal de este ensayo de análisis es dialogar con el primer capítulo de la obra *Existências Condenadas*, del profesor Dr. Gustavo Alvarenga Oliveira Santos, y en este constructo, discutir la Terapia Existencial de Liberación (TEL). La praxis terapéutica organizada por Alvarenga se base filosóficamente en el enfoque decolonial, conversa con las escuelas latinoamericanas de pensamiento decolonial, que se conectan y se distancian de la tradición fenomenológico-existencial europea. En un primer momento, intentaremos situar al lector en lo que es la existencia condenada, a partir de la crítica descolonial de la ontología fenomenológico-existencial de la tradición europea. Posteriormente, abordaremos la praxis de la Terapia de Liberación Existencial (TEL), con el objetivo de profundizar en los conceptos: Che, Ñandé, Oré, Kwaitá así como pensar en la relación terapéutica, ya que requiere, por parte del terapeuta, versatilidad, flexibilidad y sensibilidad para hacer frente a emergencias comunitarias. Finalmente, vincularemos la historia de Alex, revelada en el libro *Existências Condenadas*, con los Fundamentos de la Terapia de Liberación Existencial, para proponer este giro decolonial, como se le conoce tradicionalmente.

PALABRAS CLAVE: Terapia de Liberación Existencial. Pensamiento Decolonial. Fenomenología Existencial.



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

“As pulgas sonham com comprar um cão, e os ninguéns com deixar a pobreza, que em algum dia mágico a sorte chova de repente, que chova a boa sorte a cântaros; mas a boa sorte não chove ontem,



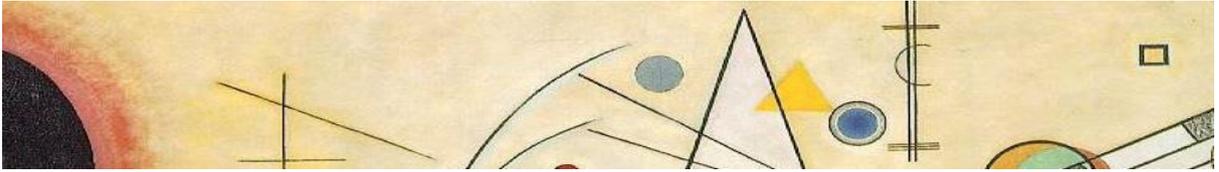
nem hoje, nem amanhã, nem nunca, nem uma chuvinha cai do céu da boa sorte, por mais que os ninguéns a chamem e mesmo que a mão esquerda coce, ou se levantem com o pé direito, ou comecem o ano mudando de vassoura. Os ninguéns: os filhos de ninguém, os donos de nada. Os ninguéns: os nenhuns, correndo soltos, morrendo a vida, fodidos e mal pagos: Que não são, embora sejam. Que não falam idiomas, falam dialetos. Que não praticam religiões, praticam superstições. Que não fazem arte, fazem artesanato. Que não são seres humanos, são recursos humanos. Que não têm cultura, têm folclore. Que não têm cara, têm braços. Que não têm nome, têm número. Que não aparecem na história universal, aparecem nas páginas policiais da imprensa local. Os ninguéns, que custam menos que a bala que os mata”.

Eduardo Galeano

1. INTRODUÇÃO

Na obra *Existências Condenadas*, do Professor Dr. Gustavo Alvarenga Oliveira Santos, podemos vivenciar o encontro entre a práxis da Terapia Existencial da Libertação (TEL), e o mundo-da-vida-popular. A “TEL estuda as ontologias oprimidas, colonizadas e escravizadas de modo a demonstrar de que forma residem na cultura latino-americana e se expressam no modo de ser popular” (SANTOS, 2019, posição 244).

Ora, seguindo nessa acepção, temos a incumbência, como psicólogas e psicólogos latino-americanos que trabalham com o saber Fenomenológico-Existencial no Brasil, dialogar com o pensamento decolonial a fim de expandir e reconsiderar sua base epistemológica, bem como sua práxis, dado que nosso solo é justamente o espaço de fruição e (co) existência ética. Mas, a singularização não é tão óbvia. Isso porque a



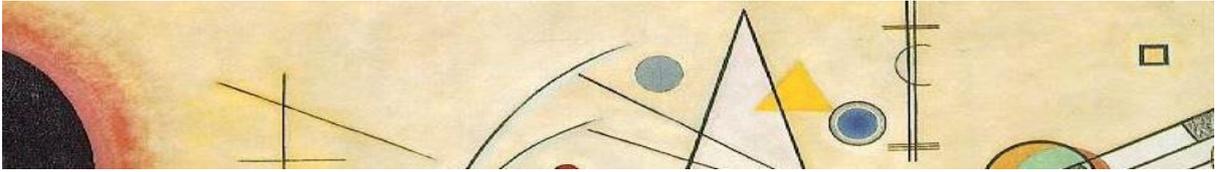
pequena² história encontra fissura espessa o suficiente para penetrar no solo novo, assim como o chorume penetra na terra contaminando tudo o que encontra ao redor.

As violências cotidianas, em nosso horizonte epocal, aparecem como as engrenagens que mantêm os corpos dóceis, silenciados, abjetos. Os números circulam, invisíveis, como cazumbis³. Nas praças e bares, nas ruas e vielas, vagam os condenados. “Se o burguês comum aprende ao longo da vida a se desnaturalizar para se tornar um humano livre e responsável; quinzim, lurdirinha, o filho não reconhecido de Tião, Lucas, Washington e Jeniffer, já nasceram assim, sem naturalidade” (SANTOS, 2020, posição 91). É justamente essa nuance que aparece como a marca da violência, pois, em alguma medida, contribui para o sombreamento das Vidas que clamam por visibilidade, mantendo a hegemonia estrutural. O fato de não termos nenhuma propriedade substancial e nenhuma natureza substancial, não significa que não possuímos naturalizações históricas.

Ainda dentro dessa perspectiva e retomando o fio condutor dessa conversa, na obra *Existências Condenadas*, o autor propõe, com base em Nelson Maldonado-Torres, que a Ontologia Fundamental de Martin Heidegger parece ser insuficiente para pensar o fazer psicológico com o respaldo das Fenomenologias que visam os recortes Decoloniais, pois, o colonizado, diferente do *Dasein*, não possui a liberdade como *a-priori*, “mas sim uma certa condenação à subjugação, sendo chamado pelo autor de

² Kusch (1999) chama a história europeia de pequena história, pois é curta. Sendo assim, está dentro de uma história maior, a grande história, que se organiza pela chamada pré-história. Ainda, segundo o autor, na perspectiva ontológica, a pequena história é dominada pelo ser-alguém. Já a grande história está alicerçada pelo mero-estar.

³ Cazumbi é o diminutivo de Zumbi, na língua Kimbundu, uma das nativas da Angola. O prefixo ca é usado como diminutivo, ou seja, cazumbi é um pequeno zumbi ou filho de Zumbi, então ele é um pequeno fantasma. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/cazumbi> Acesso em: 17/01/2021.

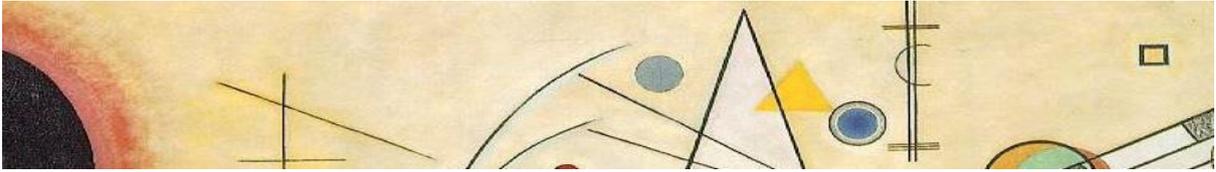


Damn e, o condenado” (SANTOS, 2018, p. 80). Maldonado-Torres (2007) fez referência ao livro: *Os Condenados da Terra*, de Frantz Fanon. Desse modo, a ontologia do colonizado não tem como respaldo a falta de Ser, mas “uma temporalidade que não se pronuncia por um porvir ou vir-a-ser” (SANTOS, 2017, p.103). Torres (2007) engendra pondera o crítica pela limita o da ontologia heideggeriana, pois nela decorre o esquecimento do Outro, problema central do filósofo lituano Emmanuel Levin s (1906 – 1995).

Por isso o método – do grego *meta odos*, entendido como caminho – da Filosofia da Liberta o   analítico. Entende que, para que o oprimido se liberte, seja de seus sistemas de domina o ou das ontologias dominantes,   necessário que ele apareça como radicalmente Outro [...] Isso apontaria para a constru o de um sistema que aceite a multiplicidade de ontologias, principalmente as que foram oprimidas pela matriz colonial (SANTOS, 2018, p.16).

Conquanto, a TEL admite que a perspectiva heideggeriana se mostra como um importante passo no desenvolvimento do pensamento fenomenológico-existencial, o que permitiu a amplia o e fundamenta o da *daseinsanalyse*, como também da fenomenologia hermenêutica e psicopatologia fenomenológica. “Outrossim, a ontologia hermenêutica heideggeriana, apesar de toda a crítica já apontada nesse texto, traz pontos semelhantes com a ecologia profunda ver (Martínez, 2006) e pode nos auxiliares na adequa o e harmonia da rela o homem-natureza própria dos povos ameríndios” (SANTOS, 2017, p. 106).

A obra *Fenomenologia do Brasileiro*, de Vilem Flusser (1998) demonstra esse esforço de se aprofundar no mundo popular, nela o autor, a partir dos conceitos de atitude natural e fenomenológica de Edmund Husserl, assinala as peculiaridades do mundo da vida popular brasileiro no qual a sedimenta o histórica não ocorre da mesma forma que na Europa. Assim a atitude natural que na Europa encontra-se com um mundo objetivado sob o peso da tradi o histórica sedimentada, dar-se-ia no Brasil de forma distinta, pois o brasileiro, segundo o autor, está muito mais suscetível a colocar



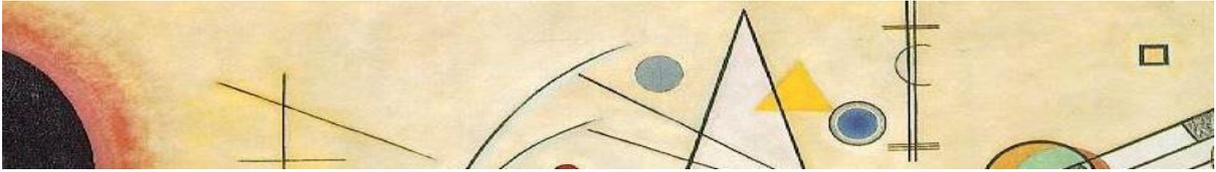
entre parênteses seu passado histórico sendo, portanto, mais propenso a atitude fenomenológica que o próprio europeu. Logo, para o nosso contexto, o autor nos convoca a revisitar os pressupostos pretensamente sólidos das fenomenologias europeias e avaliar, com base em nossa práxis, sua adequação aos mundos populares (SANTOS, 2017, p. 106).

É nessa direção que o presente ensaio de análise tem como objetivo central traçar um diálogo com primeiro capítulo da obra *Existências Condenadas*, e sob esse constructo, discorrer sobre a Terapia Existencial da Libertação (TEL). A práxis terapêutica organizada por Alvarenga tem como base filosófica o recorte decolonial latino-americano, sendo assim, conversa com os autores das escolas de pensamento decoloniais latino-americanos, que se conectam e se distanciam das fenomenologias europeias.

A princípio, buscaremos situar o leitor sobre o que vem a ser a existência condenada, alicerçada na crítica decolonial à ontologia fenomenológico-existencial de tradição europeia. Posteriormente, abordaremos a práxis da Terapia Existencial da Libertação (TEL), almejando o aprofundamento nos conceitos: Che, Ñandé, Oré, Kwaitá como também pensar na relação terapêutica, pois requer versatilidade, flexibilidade e sensibilidade para lidar com as urgências comunitárias. Para finalizar, vincularemos a história de Alex, revelada no livro *Existências Condenadas*, com os Fundamentos da Terapia Existencial da Libertação, a fim de propor esse giro decolonial, como é tradicionalmente conhecido.

Ademais, não podemos esquecer do compromisso ético, sobretudo, da classe intelectual, mirando no propósito e no exercício de descolonizar o pensamento fenomenológico-existencial e humanista na América-Latina.

2.A ONTOLOGIA DO CONDENADO



Como fio condutor do tecido que estamos tecendo, podemos iniciar com a contribuição de Gunther Rodolfo Kusch⁴ (1922 – 1979), sobre a distinção entre ser-alguém (*ser-alguién*) e o mero-estar. Com a contribuição do autor, temos a oportunidade de re-existir a certos processos histórico-culturais de fabricação de sofrimento. Isso porque os indignados não se angustiam com a morte, portanto, “ela não é um limite como é para quem têm planos e projeto de vida” (SANTOS, 2019, posição 81).

O burguês neurótico precisa desistir do sonho de ser, para começar a ser-alguém em projeto, ser alguém na Vida. O indignado não, ele nasce filho de alguém, em uma comunidade, herdeiro de uma longa e ainda não compreendida ancestralidade que vem de outros povos. O fato é que esse ser já dado, carrega sua subalternidade no Sistema, ele é, mas é quase nada, menos Ser, um condenado (SANTOS, 2019, posição 91).

Partindo desse ponto de vista podemos fazer uma analogia⁵ com o latino-americano, pois, não passamos pelos mesmos processos históricos que a Europa. Kusch, neste sentido, revela o quanto a história acaba sendo encurtada pelas fenomenologias europeias, o que ele chama de pequena história, onde encontramos o modo-de-ser burguês. Não estamos negando o pensamento europeu, mas ressaltando a necessidade de localizá-lo ao contexto específico “que é distinta não apenas no tempo, como querem alguns, enquanto pós-modernidade, mas também no espaço, América-Latina” (SANTOS, 2017, p.108). De modo semelhante, em outras palavras,

⁴ No artigo intitulado: Contribuição do pensamento de Rodolfo Kusch para o desenvolvimento de uma Psicologia Existencial Latino-Americana, o Professor Gustavo faz considerações e contribuições importantes para o fortalecimento e desenvolvimento de uma Psicologia Existencial Latino-Americana. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v25n1/v25n1a08.pdf>

⁵ Considerada como distante e aproximada, o conceito de analogia, (re)pensado por Maldonado-Torres, tem como propósito escutar as diversas ontologias que, entendidas como distintas e semelhantes, dialogam com contexto europeu. Isso porque a experiência pós-colonial, que mantém a exclusão por raça, mantém a sub-ontologia, que estaria aquém do Ser (SANTOS, 2017).



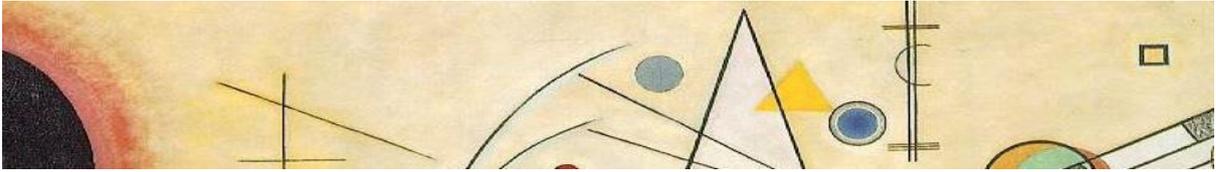
ocorre a colonização do saber fenomenológico-existencial na atividade da psicóloga e do psicólogo. Percebemos, cada vez mais, o quanto a fenomenologia latino-americana carece de um solo, assim como o condenado. Nossa profissão acaba sendo tamponada pela elite filosófica brasileira⁶ que reafirma a tradição europeia, provocando, na maioria das vezes, a dificuldade de percebermos a ninguendade⁷ que nos acompanha. “O filho de português com índio não é português nem índio, é um ninguém e, dessa ‘ninguendade’, nasceu um novo povo, o povo brasileiro” (SANTOS, 2016, p.78).

A história é, contudo, muito distinta. Por um lado, no momento em que os ibéricos conquistaram, nomearam e colonizaram a América (cuja região norte ou América do Norte, colonizarão os britânicos um século mais tarde), encontraram um grande número de diferentes povos, cada um com sua própria história, linguagem, descobrimentos e produtos culturais, memória e identidade. São conhecidos os nomes dos mais desenvolvidos e sofisticados deles: astecas, maias, chimus, aimarás, incas, chibchas, etc. Trezentos anos mais tarde todos eles reduzem-se a uma única identidade: índios. Esta nova identidade era racial, colonial e negativa. Assim também sucedeu com os povos trazidos forçadamente da futura África como escravos: achantes, iorubás, zulus, congos, bacongos, etc. No lapso de trezentos anos, todos eles não eram outra coisa além de negros (QUIJANO, 2005, p.116).

A Psicologia Fenomenológico-Existencial é atravessada por essa ninguendade. Por isso, o desconhecimento do mundo vivido do latino-

⁶ “Os europeus persuadiram-se a si mesmos, desde meados do século XVII, mas sobretudo durante o século XVIII, não só de que de algum modo se tinham autoproduzido a si mesmos como civilização, à margem da história iniciada com a América, culminando uma linha independente que começava com a Grécia como única fonte original. Também concluíram que eram naturalmente (isto é, racialmente) superiores a todos os demais, já que tinham conquistado a todos e lhes tinham imposto seu domínio” (QUIJANO, 2005, p. 116).

⁷ Para os próximos estudos, considerando minha experiência prática com estudantes de Psicologia que almejam estudar o saber Fenomenológico-Existencial, podemos vislumbrar a possibilidade de analisar se existe relação entre a ninguendade que nos acompanha e o sentimento de inadequação perante o grupo que, na maior parte das vezes, seguem em matrizes teóricas diferentes, que também são de origem europeia e/ou americana. Ou seja, será que existe diferença quando se trata do saber Fenomenológico-Existencial?

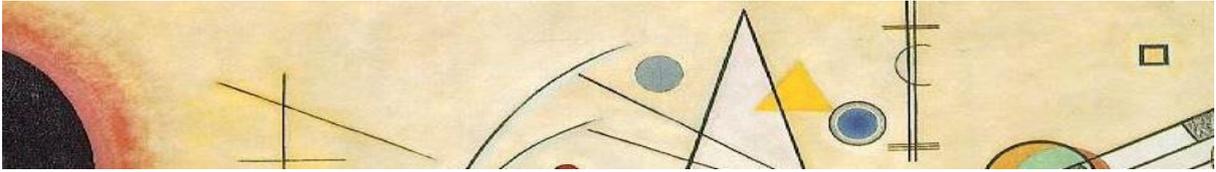


americano coloca o profissional como mais um dispositivo de controle social “mesmo quando, sob argumentos progressistas, ele teoriza a partir do pensamento de Foucault e Deleuze, que, embora sejam pensadores importantes [...], apenas parte pode servir para interpretar e analisar nossos problemas” (SANTOS, 2016, p. 79). Portanto, retomando a filosofia kuschiana, apresenta-se como crucial o resgate do humano inteiro, ou seja, participante, como dissemos anteriormente, não somente da pequena história, mas também da grande história, que envolve as fases pré-civilisatórias, o oriente e o mundo armeríndio. “Não se trata da criação de uma Psicologia Fenomenológico-Existencial latino-americana, mas de um pensar orientado fenomenologicamente deste outro solo vital, o nosso” (SANTOS, 2018, p.74).

Nesse ponto da pesquisa não poderíamos deixar de articular o pensamento de Franz Fanon, psiquiatra martinicano, radicado na França. Concentrou-se no mundo vivido do colonizado, o que contribuiu para Torres se apropriar do termo *Damnés*, de Fanon, com a pretensão de fazer um contraponto ao *Dasein* absoluto heideggeriano.

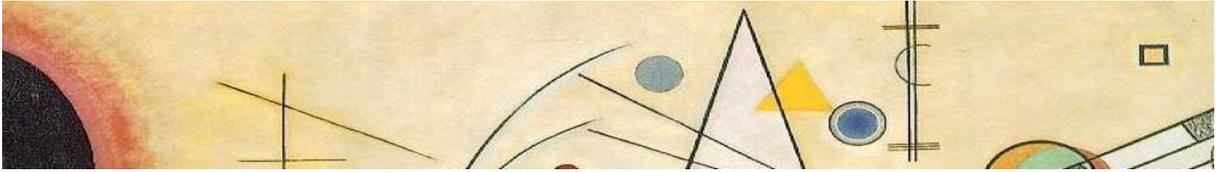
Sem medo e desapegado, o ser-alguém se desprende do espaço, perde sua gravidade territorial e se lança no tempo impondo-lhe um dinamismo inautêntico sob uma concepção linear. Inautêntico, no sentido de que agora é governado pelo medo e a insegurança impostos pela moral, está distante dos cosmos, falsamente abrigado pela cidade e protegido por uma ideia de história. Portanto a história, pequena história, é uma invenção do pequeno ser contada pelos que supõem dominar o cosmos, no contexto argentino, para Kusch, é a história de seus fundadores, libertadores, grandes políticos e intelectuais, mas essa operação histórica não elimina a condição de mero-estar da grande história, essa se dará nas periferias. A periferia que dita o ritmo da vida natural esquecida (SANTOS, 2018, p. 76).

Na obra *América Profunda* (1962) Kusch propõe o termo fagocitação, que corresponde ao sujeito transcultural, ou seja, o processo de hibridação



cultural tem por finalidade a apropriação, por parte do europeu, da visão de mundo indígena. Seguindo nessa direção, será que podemos pensar na cultura europeia como elemento violento de (desculturação/aculturação), do povo latino-americano, especialmente, pensando no Brasil? Inevitavelmente, essa questão faz emergir outros questionamentos que podem ser balizadores para futuras pesquisas: Quais são os mecanismos de violências que fabricam vidas para que não tenham lugar na sociedade? Há uma produção da descartabilidade? Corpos marcados, narrativas marcadas pelo vivido. Quem são? Onde vivem/sobrevivem? Quem são esses brasileiros fabricados hegemonicamente? São fabricados para quê? São corpos indolentes? Existe relação entre sofrimentos e estruturas escravagistas?

Esses questionamentos mostram-se importantes visto que estamos falando da violência subterrânea que ocupa espaço geográfico invisível, à margem, violência velada, silenciada, que acontece na viela. Esse giro decolonial requer o reposicionamento epistemológico, pois, não se trata da adaptação ao sistema, mas em possibilitar que o sistema inclua. “A negação do Outro colonizado, operada pelo eurocentrismo traz junto o esquecimento do rosto, entendido como liberdade do Outro, do mestiço, indígena, crioulo, campesino, negro, enfim, dos que, no processo de constituição da modernidade serviram apenas como mão de obra escrava” (SANTOS, 2018, p.82). Na obra *Existências Condenadas*, ao nos aproximarmos da história de Alex, percebemos que algo escapa ao tentarmos transpor a história vivida por ele somente com os pressupostos das fenomenologias europeias. Isso porque o futuro não angustia o condenado, como veremos na última seção desse artigo, análise articulada com a TEL. “Uma vez condenado a um modo de ser não livre, fechado ao futuro como projeto, seu ser tende a responder imediatamente ao sentido do por que se manter – não se projeta,

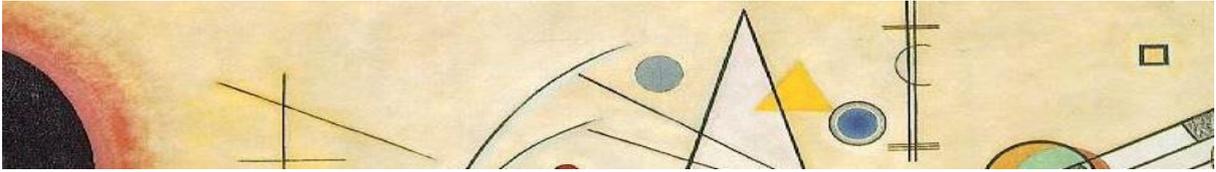


mas se mantém” (SANTOS, 2018, p.145). A obra inicia-se sem delongas. O autor abre com a seguinte frase: “Morrer é só morrer e pronto” (SANTOS, 2020, posição 73), ou seja, a morte não angustia o condenado. Sua subalternidade é legitimada pelo Sistema, portanto, sua condição de ser-para-a-morte não faz sentido, pois, ele é, mas é quase nada, tão pouco, dentro de alguma possibilidade de Ser, comparado ao *Dasein* heideggeriano.

A morte aparece assim sem escândalo, sem o assombro próprio às existências constrangidas pelo Nada. Quando o Damné mata a um existente, ele o faz não como alguém que eliminou uma liberdade, mas como quem garante a sua própria continuidade. Condenados que são pela objetivação de seus corpos que servem, desde os tempos da colonização, ao trabalho duro e à violência sexual, o Damné pode não reconhecer o corpo do Outro como alteridade, mas um objeto análogo ao dele frente ao qual lhe resta matar ou morrer. A antiética da guerra não é exceção, mas cotidiana; na guerra, os outros se tornam corpos animados em movimento que se interpõem entre um desejo e seu objeto (SANTOS, 2018, p. 146).

Entendemos, neste sentido, que a Fenomenologia-Existencial hegemônica clássica não tem em vista à libertação, pensando no contexto latino-americano. “De modo geral, os enfoques teóricos e metodológicos seguidos pelos terapeutas, principalmente os que trabalham com as classes oprimidas, por serem de origem europeia, não levam em conta a opressão latino-americana, facilitada pela colonialidade” (SANTOS, 2020, p.15), tanto é que, podemos perceber, no relato de psicólogas e psicólogos, o lugar apolínio⁸ que almejam ocupar quando dizem sobre a possibilidade de revolucionarem e salvarem o mundo. Por esse motivo que a TEL aborda o

⁸ Interessante pensar que para Nietzsche, apolíneo e dionisíaco, correspondem a dimensões complementares, não sendo possível a dicotomia. Seguindo nessa perspectiva, podemos pensar que o terapeuta assume a posição de Apolo, Deus do Sol, um dos principais deuses do Olimpo. Deus grego que é detentor da razão, da luminosidade, da clareza, da ordem e limite. Essa postura aparece quando a psicóloga e o psicólogo, que tem como respaldo o saber fenomenológico-existencial, cinde a si mesmo.



Outro como um sujeito de direito e intenta garantir aquilo que não é assegurado via Políticas Públicas⁹. A pequena estória aparecendo novamente ofuscando a história que é a nossa, do povo latino-americano. História marcada por veias abertas. Nossa história é marcada pela exploração e pelo derramamento de sangue do nosso povo, dos *Damnés*, que nascem condenados, carregando sua ancestralidade indigente¹⁰.

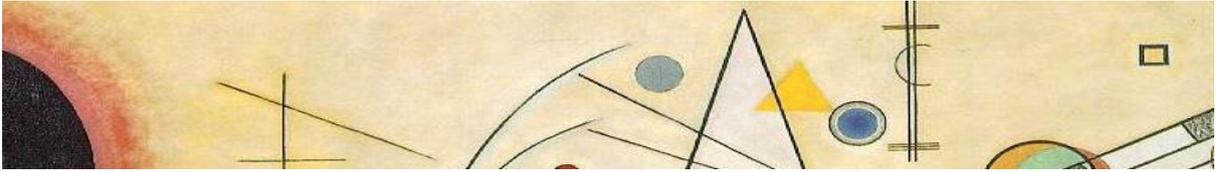
A formação de relações sociais fundadas nessa ideia, produziu na América identidades sociais historicamente novas: índios, negros e mestiços, e redefiniu outras. Assim, termos com espanhol e português, e mais tarde europeu, que até então indicavam apenas procedência geográfica ou país de origem, desde então adquiriram também, em relação às novas identidades, uma conotação racial. E na medida em que as relações sociais que se estavam configurando eram relações de dominação, tais identidades foram associadas às hierarquias, lugares e papéis sociais correspondentes, com constitutivas delas, e, conseqüentemente, ao padrão de dominação que se impunha. Em outras palavras, raça e identidade racial foram estabelecidas como instrumentos de classificação social básica da população (QUIJANO, 2005, p. 107).

As conseqüências da colonização, marcada pela opressão e, principalmente, pelos sistemas escravagistas, engendram tal conjuntura que submetem gerações e gerações de oprimidos a permanecerem na precariedade, “vistos apenas como mão de obra necessária à produção, invisíveis e sem rosto – vivendo em outro mundo, fazem parte de outra ontologia” (SANTOS, 2018, p.141), condição ontológica que Fanon chama de Condenada, em francês, *Damné*¹¹. Ressaltamos que a condição de

⁹ Conexão com o Serviço Social.

¹⁰ A TEL compreender a indigência originária, ou seja, aquela que não ocupa lugar nenhum. Aqui, o contrário de Ser é o Estar, e não o Nada. Na história brasileira podemos perceber que, transformados em objetos, grupos nativos foram reduzidos a um estereótipo e dualismo etnocêntrico (QUIJANO, 2005).

¹¹ Na perspectiva de Fanon, a libertação do *Damné* se daria de modo radical, ele precisaria estar disposto a transformar seu choro-grito em última guerra, de modo que daria seu próprio corpo em favor de seus semelhantes. Em contraposição à dialética clássica europeia do senhor-escravo, essa seria entre escravo-escravo, que se somaria a uma guerra pela libertação de sua própria alteridade na medida em que se reconhecem como



Damn  não representa toda a complexidade do mundo popular “mas não deixa de ser uma possibilidade presente a todos os colonizados, com exce o das oligarquias dominantes” (SANTOS, 2018, p. 141). A TEL também entende o *Damn * como subontologia, quer dizer, corresponde ao seu contorno existencial. Alvarenga discute em seu livro¹² essa questão propondo o reposicionamento das dimensões heideggeriana, a saber: Temporalidade; Espacialidade; Corporeidade, Ser-com-o-Outro e o Sorge.

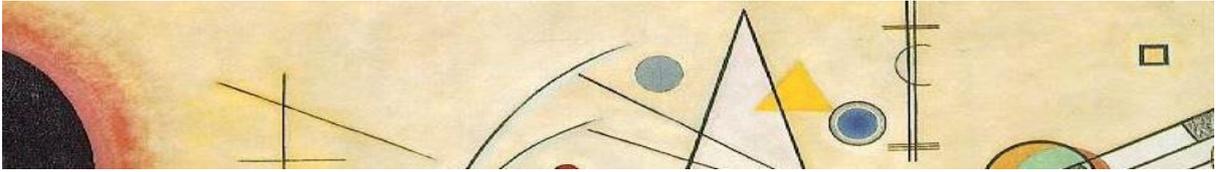
Outrossim, quando falamos das ontologias condenadas, estamos falando desse Outro que Vive   margem e de onde ecoa a voz de Alex, contada pelo Professor Gustavo na obra *Existências Condenadas*. Consideramos importante, seguindo por esse prisma, a medita o sobre a fenomenologia do vivido do *Damn *, em contraponto   fenomenologia do *lebenswel* do *Dasein*, em próximos estudos.

3. TERAPIA EXISTENCIAL DA LIBERTA O (TEL)

A Terapia Existencial da Liberta o (TEL) desabrocha com a inten o de atender, especialmente, os segmentos populares, ou seja, sem perder de vista os âmbitos da Vida e do Sistema em que se abriga e ganha sentido. Perspectiva essa herdeira da proposta de Enrique Dussel. Isso porque a TEL segue três princípios básicos: 1. Entendemos que a articula o entre Vida e Sistema  , em suma, o respeito pela Vida e Liberdade viva do Outro. Ou seja, a liberta o, entendida na perspectiva da TEL, apreende a existência como mais saudável quão mais livre seja (SANTOS, 2020). A

Outro de cada um, ou seja, como povo oprimido. Essa guerra devolveria ao *Damn * sua voca o existencial de ser para a morte autêntico, como um projeto para além de uma condi o de continuar seu sub-ser (SANTOS, 2018, p.146).

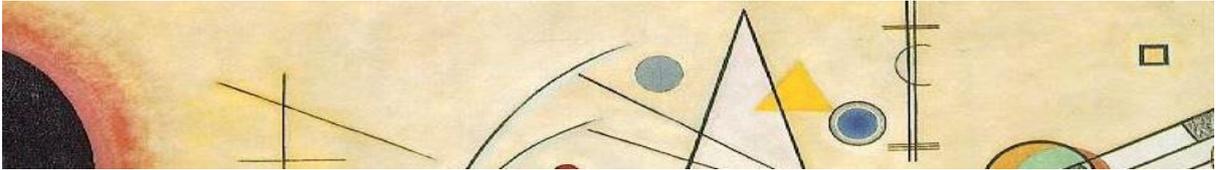
¹² SANTOS, Gustavo Alvarenga Oliveira. **Terapia Existencial da Liberta o: Ensaios introdutórios**. 1.Ed., Porto Alegre: Editora Fi, 2018, 218p.



consideração dos âmbitos: Vida e Sistema, na concepção da TEL, têm como objetivo dimensionar os recursos terapêuticos já produzidos, quer dizer, “a TEL tampouco traz a pretensão de refundar a Psicologia a partir de um ponto zero, mas a de operacionalizar o conhecimento psicológico em prol da libertação humana, considerando assim a ética como princípio norteador da práxis psicológica” (SANTOS, 2020, p.14). Tem a proposta dialogar com as terapias da Vida¹³ (bioenergética, terapia transpessoal, terapia reichiana, biodança) e as terapias do Sistema (Terapia comunitária, terapia sistêmica, psicodrama). 2. A TEL entende a existência como saudável quão mais livre seja. Para tanto, “sua ação no sistema em prol de sua libertação e a criação de um sistema mais justo no qual ele se inclua é o horizonte que guia nossa proposta” (SANTOS, 2020, p.14), ou seja, têm o compromisso de produzir teorias e métodos terapêuticos adequados à nossa realidade cultural e socioeconômica. Nesse ponto fica nítida a importância do giro decolonial, para nós, psicólogas e psicólogos latino-americanos. Não por acaso, o 3. Princípio é que a TEL se propõe Decolonial. Isso significa que qualquer trabalho teórico ou de pesquisa, que leve em conta a terapêutica existencial da libertação, deve fazer as revisões teóricas, metodológicas e ontológicas. Por esse motivo a importância do giro decolonial. Levamos em consideração teorias e métodos terapêuticos que atendam ao popular, sendo assim, encontramos na grande história essa possibilidade de pensar sobre a ontologia condenada.

A Terapia Existencial da Libertação terá seu alicerce técnico e metodológico através de trabalhos “análogos às chamadas oficinas

¹³ “Portanto, a práxis terapêutica da TEL não se baseia apenas no verbal significativo, mas em exercícios respiratórios oriundos da bioenergética de Reich e Lowen analogizadas com as práticas e ritmos culturais próprios da nossa cultura popular. Portanto, o trabalho com danças ameríndias e africanas, o uso do canto e de trabalhos que visem à ampliação do Eu e a modificação do nível e campo da consciência são recursos importantes para uma Terapia Existencial da Libertação” (SANTOS, 2018, p. 20).

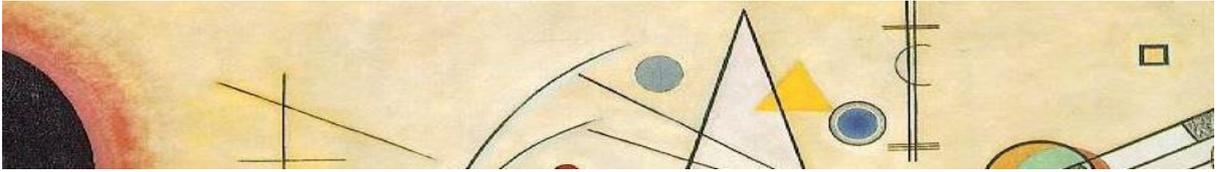


terapêuticas” (SANTOS, 2020, p. 15), que visam a conservação da relação terapeuta-demandante como eixo central, ou seja, indica que “o seguimento dos trabalhos devem ocorrer no contexto de uma relação pessoal, a partir da qual se inicia, desenvolve-se e se finaliza o processo terapêutico” (SANTOS, 2020, p. 16).

A TEL recupera a Filosofia de Emmanuel Levinás como apoio epistemológico, sendo assim, tem como fundamento substituir a ontologia pela ética, com o objetivo de aprofundar no problema do Outro. Tomamos, para tanto, como referência, Enrique Dussel, pois, não aceitamos que o desvelamento do Outro se dê a partir do reconhecimento do Outro, mas, justamente o contrário. O Eu só se desnuda a partir do reconhecimento do Outro. Nas palavras do Professor Gustavo, Husserl não se desvincula do solipsismo¹⁴, pois concebe o Outro como semelhante ao Eu e não como radicalmente alteridade (SANTOS, 2020). Por isso, partimos de uma ética vitalista, ou seja, o respeito ao Outro só se dá de forma integral quando respeito o Outro enquanto vida. Na TEL entendemos que o desenvolvimento e a “condição saudável humana não ocorrem pela via de sua subjetivação, mas por sua capacidade de reconhecer no outro um Outrem e nesse sentido cuidar dele, responsabilizar-se por ele, medir em cada escolha a sua inserção” (SANTOS, 2020, p. 23), neste sentido, o Outro é condição para ser si-mesmo.

3.1 A práxis da Terapia Existencial da Libertação

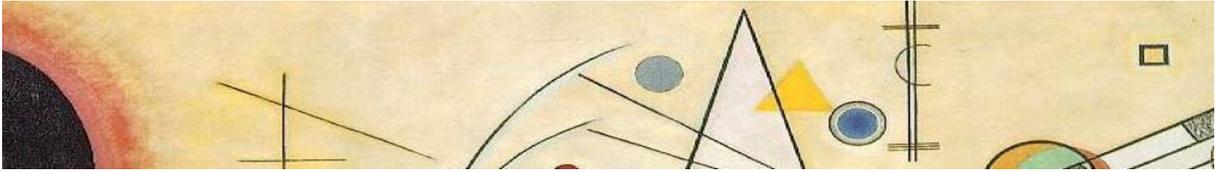
¹⁴ Solipsismo: Do latim *solus*, só, e *ipse*, ele mesmo. Termo de sentido negativo, e até mesmo pejorativo, designando o isolamento da consciência individual em si mesma, tanto em relação ao mundo externo quanto em relação a outras consciências.



Tentaremos descrever de forma breve os conceitos sugeridos pela TEL, almejando contribuir para o reconhecimento das alteridades subjugadas e propor o reposicionamento epistemológico.

Chamamos de **Che (Acolhimento)** a escuta atenta que acontece no *setting* terapêutico, como também a postura sensível e acolhedora por parte do terapeuta. Na TEL intentamos cuidado especial para o *setting* terapêutico, buscando atmosfera semelhante ao do útero materno. Essa analogia pode acontecer com pequenos gestos de afeto. Seja oferecendo uma bebida quente, ou se sentando em uma cadeira acolchoada. A escuta atenta se mostra importante, pois, consideramos as analogias de experiências. Terapeuta e Demandante constroem juntos um projeto de liberdade. Com isso, “o terapeuta deve cuidar para que as intervenções ajudem o demandante a explorar seu vivido e descarregar as tensões contidas na fala. Nesse momento, podem-se observar os pontos de tensões das corações com vistas a um trabalho corporal” (SANTOS, 2018, p.194).

De **Ñandé (Queixa)**, chamamos a fase do nós. Isso porque nesse momento o terapeuta deve facilitar que catarses possam acontecer. Como o *Damné* não tem a linguagem como morada, “a fala muitas das vezes não se dispõe como elemento expressivo da condição ontológica do *Damné*” (SANTOS, 2018, p.194). Em outras palavras, não compreendemos a fala como elemento relevante de um modo antecipado, mas como expressões e vivências de uma biografia que nem sempre aparece de modo amplo para quem vivência. Por isso, mostra-se importante que o terapeuta escute as vivências junto com o Outro que solicita ser escutado, visibilizado. E, para que essa possibilidade possa ser parte do fruir terapêutico, cabe ao terapeuta criar vínculos necessários para que juntos possam vivenciar o Ñandé. Nos pautamos na confiança entre ambos e na cumplicidade frente ao que foi revelado. “O terapeuta deve ser para o demandante um amigo

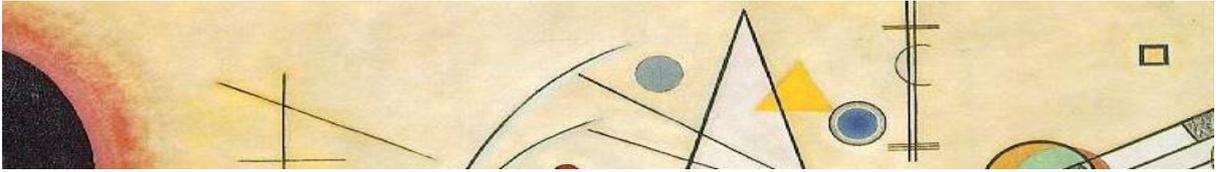


qualificado – amigo, pois é exterior ao familiar, e qualificado, pois possui conhecimentos sobre a saúde, as potencialidades e possibilidades de libertação” (SANTOS, 2018, p.195).

Concomitante ao Ñandé brota o **Oré (Projetos)**, nesse sentido, o terapeuta incentiva atitudes que possam oportunizar a sua libertação, estabelecendo um entre nós. Compreendemos o Oré no plural, ou seja, consideramos a multiplicidade de elementos envolvidos nessa analogia do nós. Podemos, neste momento, simular exercícios dramáticos como também experiências de canto e dança. Quanto mais responsável e emancipado em suas atitudes, tão mais o *Damné* consegue encontrar e realizar o seu Oré.

Por isso ressaltamos a importância de o terapeuta oportunizar a construção de um vínculo forte o suficiente para iniciar o desenvolvimento do **Kuaitá (Desvinculação)**. Destarte, a TEL tem como exigência que o terapeuta reconheça esse vínculo terapêutico, ou seja, que assuma o sentido ético que envolve a relação vivenciada: **o Che e o Kuaitá**. O **Che** mostra-se como sendo o início do processo de cura¹⁵. Pertence ao terapeuta a responsabilidade de exercer o cuidado em uma atitude ética, considerando o Outro como sendo radicalmente Outro. Para tanto o **Che e o Kuaitá** precisam estar em consonância, heterogêneos, porém, em consonância. Isso porque desenvolvemos um **Che (Acolhimento)** libertador, que tem como pretensão a promoção de um **Kuaitá (Desvinculação)** que potencializa. Explanando de outra forma, entendemos o acolhimento e a desvinculação como sendo a articulação entre Vida e Sistema, quer dizer, em suma, diz sobre o respeito pela Vida

¹⁵ Entendemos o significado da palavra cura em sua etimologia, que do Latim significa ato de cuidar. Portanto, para nós cura tem a ver com o ato de exercer cuidado, significa zelar e ter responsabilidade por esse alguém que tem rosto.



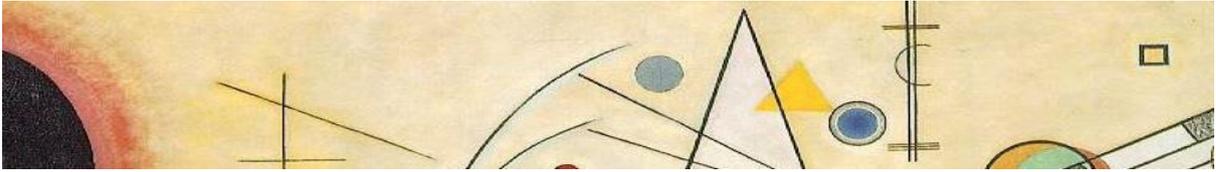
e Liberdade viva do Outro, sendo esse, o primeiro princípio fundamental da TEL, que tem como fundamento ético a libertação, “objetivando que o oprimido saia dessa condição ao poder fruir com a Vida e se projetando em liberdade. Nesse sentido, ele sairia da temporalidade do prosseguir, típico do *Damné*, para o da abertura” (SANTOS, 2018, p.197). **Kuaitá** em Guarani significa poder, portanto, “a TEL visa o empoderamento dos existentes em seu aspecto vital e existencial” (SANTOS, 2018, p.197). Consequentemente, a postura do terapeuta se concentra na abertura para a experiência do Outro.

No processo analógico, o terapeuta pode e deve utilizar de suas próprias experiências semelhantes e distintas, ou chamar atenção para as experiências de terceiros com o cuidado de não expor sua identidade. Elementos literários e da arte e a analogia com plantas e animais também são bem-vindas nesse sentido – o viés ecológico da TEL será tratado em outras obras. Da mesma forma, ainda que não trabalhados nesta obra, os jogos dramáticos podem ser de grande valia nesse momento (SANTOS, 2018, p.203).

À vista disso, ao invés de empatia, compreendemos esse movimento com altero-patia, isso porque é na analogia que o terapeuta pode contribuir para que o demandante possa compreender os limites da sua singularidade e da sua pluralidade (SANTOS, 2018). Do ponto de vista do Oré, o terapeuta deve assumir-se como sendo aquela figura de acolhimento, de modo afetuoso, firme e vislumbrando uma possibilidade de rearticulação de mundo.

4. EXISTÊNCIAS CONDENADAS: O NASCIMENTO DE UM DAMNÉ

Assim nasce um indignado, considere esse termo, a partir de agora, em voz passiva, é que as bases mínimas da dignidade humana não foram oferecidas a eles, foram expulsos da ideia de humanidade, dos direitos humanos e dos acordos internacionais. Ele não está previsto no ECA, no



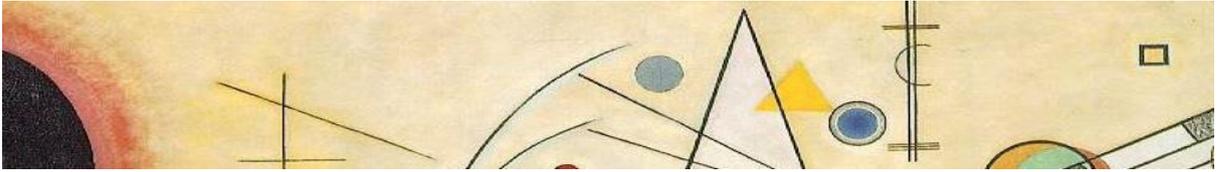
SUS, no CRASS ou na Vara da infância e Juventude. Ele simplesmente não existe, mas vive (SANTOS, 2020, posição 99).

Pois bem, tecemos esse caminho para ressaltar a urgência da reflexão crítica acerca da Terapia Existencial tradicional. Para tanto, partiremos do mundo vivido, Vivo, ou seja, nossa proposta preconiza a existência dentro do mundo, “mas apontaremos para caminhos que sejam externos a ele visando formas éticas que vislumbrem o Outro e sua possibilidade de libertação” (SANTOS, 2018, p.51).

Vale lembrar que na análise proposta não temos a intensão de totalizar o mundo da vida popular, mas convidar as leitoras e os leitores a pensarem sobre outras possibilidades de compreensão das Fenomenologias. Entendemos, portanto, a **Fenomenologia no plural, assim como as Escolas de pensamento Decoloniais**. A história que será vislumbrada diz do nascimento do *Damné*, do nascimento de uma existência condenada que grita “por ser vivida e suportada como doença do existir” (SANTOS, 2020, posição 73).

Na obra *Existências Condenadas*, Alvarenga escancara a premência do giro decolonial. Isso porque a experiência do latino-americano tem particularidades que não se assemelham ao contexto europeu¹⁶. Essa análise, portanto, mostra-se como uma possibilidade e oportunidade de (re) existir a certos processos históricos de fabricação de sofrimento, isso porque como psicólogas e psicólogos, temos a incumbência de não fortalecer a engrenagem que descarta, mas potencializar a libertação do

¹⁶ “Enquanto isso, 1.000 pessoas morrem diariamente vítimas da doença, chamadas pelo Deus mercado à eternidade do Ninguém” (SANTOS, 2020, posição 1201). Não podemos deixar de mencionar sobre o momento histórico que estamos vivenciando. Alvarenga citou sobre as Vidas perdidas no governo de extermínio durante a Covid-19. Hoje, em março de 2021, não são mais 1.000 por dia, mas 3.600 mil Vidas descartadas por dia.



Damn e, que possam mostrar os seus corpos, os seus rostos e (re) clamar o lugar único que cada Vida tem na hist ria¹⁷.

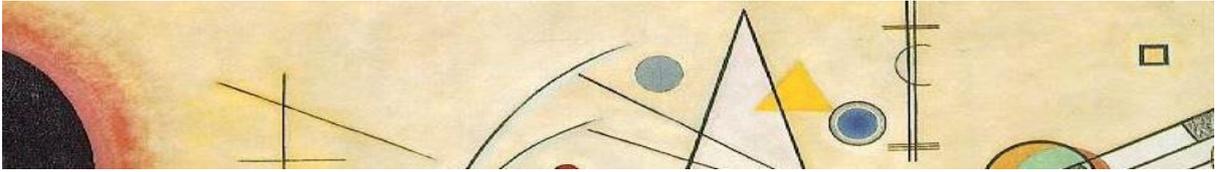
Alex foi o rosto escolhido. Assim como Macuna ma¹⁸, de Mario de Andrade, Alex   filho da ancestralidade. M nica, sua mãe, foi condenada.

Experimentou maconha aos 8 anos, aos 9 bebia escondido, aos 10 deu umas cafungadas, aos 11 transou com o primo na escada, aos 12 foi estuprada pelo professor de educa o física, pelo padre da igreja, pelo moço que veio fazer uma obra na sua casa, pelo encanador, pelo carpinteiro. Aos 13 aprendeu a cobrar para fazer isso. E cobrou de Jair, naquele dia, de pagode, festa da Carla, prima dele, em um bar de classe média em Contagem (SANTOS, 2020, posi o 132).

Alex tentou (re) existir. Parecia que tinha um gosto pela Vida. Vida que ressoa sua condi o étnico-histórica. M nica tentou abortar Alex muitas vezes. Ainda dentro do útero já experimentava a atmosfera que estava por vir. Das violências. Do lugar nenhum. "Alex cresceu entre berços improvisados de papelão e engradados de cerveja na casa da Dona Joana, a cafetina, um amor de pessoa" (SANTOS, 2020, posi o 140). Filho de Jair,

¹⁷ O Conselho Cidadão para a Segurança Pública e Justiça Penal do México fez a divulga o das 50 cidades mais violentas do mundo, que não estão em zona de guerra. O objetivo foi chamar a aten o, principalmente, para a predominância das violências nas cidades Latino-Americanas. Das 50 cidades, o Brasil ocupa o lugar de segundo país mais comentado no quesito violência. Isso porque o Brasil possui 14 cidades presentes no ranking (entre aquelas com mais de 300.000 habitantes): Aracaju (SE); Belém (PA); Campos dos Goytacazes (RJ); Feira de Santana (BA); Fortaleza (CE); João Pessoa (PB); Macapá (AP); Maceió (AL); Manaus (AM); Natal (RN); Recife (PE); Salvador (BA); Teresina (PI) e Vitória da Conquista (BA). Informa o disponível em: <https://veja.abril.com.br/mundo/mexico-ultrapassa-brasil-e-e-pais-com-mais-cidades-em-ranking-de-violencia/>. Acesso em: 28/03/2021.

¹⁸ Nessa dire o podemos utilizar a literatura brasileira para tentar analisar a realidade social vigente. Isso porque no romance *Macunaíma: O herói sem caráter*, de Mário de Andrade, podemos perceber alguns elementos violentos que aparecem para manter a invisibilidade, o silêncio, o desterro. A identidade do herói não existe, ou seja, a marca do herói que não sustenta projeto. Isso quer dizer que, pensando no *Damn e*, Macunaíma   aquele que não demonstra resistência nenhuma para ser. Exerce os padrões pré-estabelecidos. Por isso a necessidade de pensar quais ontologias pairam sob o povo brasileiro. Não tem contornos definidos, mas existem. Essa pode ser mais uma possibilidade para os próximos estudos.



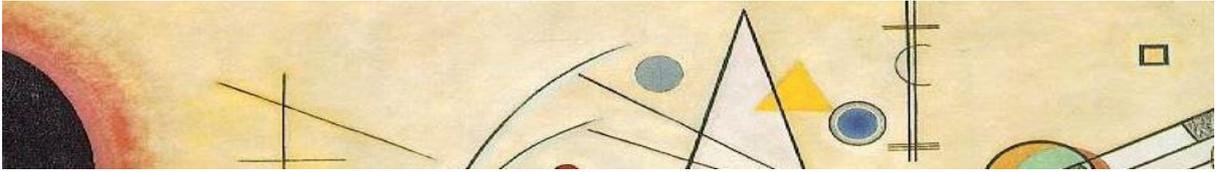
Alex conheceu o pai na delegacia, após, necessariamente, um responsável ter sido intimado a tirá-lo de lá. A intimação foi para seu pai de registro, figura invisível para ele.

Jair era um homem tosco, bruto, forte, tinha armas. Dois revólveres 38, um cromado e outro negro fosco de cano curto, uma pistola .50, uma submetralhadora israelense e algumas granadas. Quando Alex chegou à casa foi revirando tudo até encontrar o armamento, teve medo, o menino, naquele dia, teve medo. A voz do Pai era forte e imperativa: não mexe nisso aí. O pai o colocou para trabalhar na oficina do Raimundo, conhecido seu, Alex ficou dois dias lá, após suspeita de roubos: duas velas de ignição compatíveis com Gol, Uno e Passat, três rolamentos de roda de um opalão 77 e uma roda de moto. Alex repassava as peças para Guilhermano, uma amizade que ele fez assim, de pronto na rua, soltando papagaio. O Pai se enfureceu com ele, deu-lhe uma surra de vara, Alex reagiu e fugiu, foi morar na casa de Guilhermano, dormia na varanda, meio que escondido (SANTOS, 2020, posição 164).

Guilhermando fazia parte da firma. Trabalhava para Elevelton, que dominava a região entre a Rua Glória e o Beco dos Namorados. Já Washington, primo do Alex, comandava outra firma. Alex se deu bem no movimento e Jair fingia não saber de nada. Mas, um dia, em uma emboscada, eles rodaram.

O Pai foi pra Penitenciária de Neves, Alex, enfim, conhecera pessoalmente seu maior algoz em vida, o Promotor de Justiça, Dr. André. André olhou fixamente para o menino e gritou: seu bosta, seu merda, quer morrer seu filho da puta, eu sei que sua mãe é uma puta, uma vadia. Cê vai seguir o caminho dela, seu merda? Alex baixou os olhos, não sabia direito o que sentia, mas se contorcia, era mistura de raiva, ódio, admiração e profundo respeito pelas palavras do Promotor, a Lei (SANTOS, 2020, posição 190).

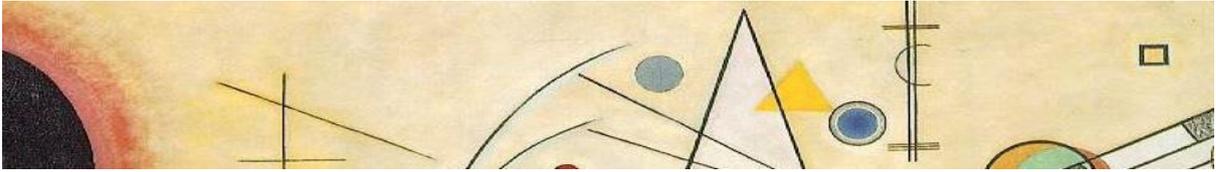
Alex, foi para uma casa de custódia. Foi essa a primeira vez em que teve contato com um psicólogo e com o Dr. André. Duas semanas depois estava integrado, praticava postura prestativa e colaborativa com as pessoas da casa. Numa vez na Igreja, Alex se sentiu batizado. "Seu corpo todo saltava, seus olhos lacrimejaram, sua voz gritava efusivos aleluias e



glórias a Deus” (SANTOS, 2020, posição 215). Mas, para o *Damnê* mostra-se um desafio sustentar projeto.

É claro que o corpo oprimido grita nas opressões, mas também pode não suportar o processo de libertação, sua instabilidade, sua angústia. As mudanças do conjunto e distribuição das couraças precisam de tempo de maturação e assimilação por parte do existente em sua relação com a nova perspectiva que ele adotará. O que torna o processo de libertação um meta-odos, um caminho, mais que um fim, a ser buscado e desvelado a qualquer custo. Caso contrário, o risco de regressões e ensimesmamentos, ou seja, contração do mundo a um lugar seguro anterior é grande, na medida em que o demandante perde a confiança em seu caminhar, pois perdeu a confiança no outro que caminhava com ele (SANTOS, 2018, p.115).

Outro dia, sentiu o Diabo chegar perto do seu corpo. Alex se desentendeu com um menino da instituição. Como punição, não pôde participar da oficina de biscuit, “justo no dia em que ia contemplar o bonequinho, tipo homem aranha, que há muito ele havia se dedicado” (SANTOS, 2020, posição 215). Pensou em vingança! Sozinho no quarto fabricou um chucho. Quando estava prestes a por em prática sua sede por sangue, o inspetor segurou o frágil corpo de Alex. Como consequência, foi enviado para a Vara a Infância. Dr. André o despachou para uma prisão infanto-juvenil. Alex insistia. No dia em que chegou na prisão se deparou com uma rebelião. Fugiu com a turma. Foi para a casa do pai pegar o armamento. Foi atrás de Washington que, quando foi encontrado, morreu na hora com a rajada da arma automática. Cortou sua cabeça e a exibiu pelos becos do bairro. Alex, agora, era dono de tudo. Mas, sua ostentação durou pouco. Com a troca de comandante e governados. Certa vez se percebe sendo passado pra traz por Guilhermano. Em retaliação, matou Florinda, namorada de Guilhermano, que já era um pouco mais velho que Alex. Já tinha os seus 14 anos. Alex pressentiu a sua morte.



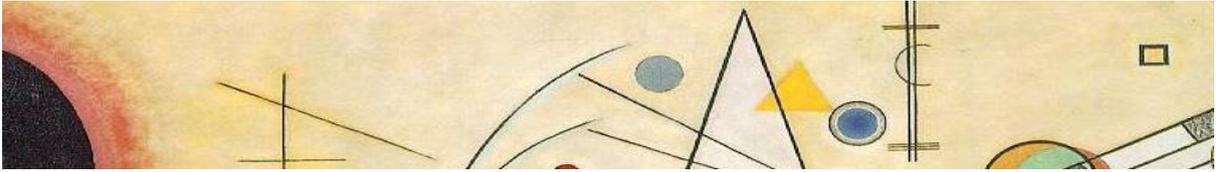
O psicólogo queria ser-alguém. Alex só estava pensando em se salvar. Não demorou muito para o menino ser levado para a mata por Guilhermano. *Damné*, que nem chegou aos 14. Fim da linha.

Não há para quê, não há sonho de existência, não há sentido da vida, não há angústia, essas coisas todas não são, simplesmente a vida é pra ser vivida, simplesmente, obviamente, como havia demonstrado Alex. O Psicólogo foi aprovado em primeiro lugar no Concurso que havia prestado, podendo, em hora oportuna, assumir tal cargo, de extrema relevância para o contexto sócio-cultural do Brasil (SANTOS, 2020, posição 301).

Como disse Sartre no prefácio de: Os Condenados da Terra, “Fanon é o primeiro desde Engels a repor em cena a parteira da história” (p.9). Assim, a ontologia do condenado não tem como respaldo a falta de Ser, muito menos a abertura enquanto clareira, típica dos apoliníacos. Está mais perto do Ser-em-si de Sartre, pois o *Damné* tem condição distinta do pobre europeu. Reposicionando a famosa frase de Sartre sobre estarmos condenados à liberdade, o giro decolonial propõe que a condenação para os *Damnés* é ser o que se é, ou seja, de menor valor, ou, ainda, não valendo nada. Alex, uma Vida abjeta. Março de 2021. Brasil. 312.299 mil Vidas abjetas. Interessante que quando estava lendo o livro do Professor Gustavo, especialmente, o capítulo: A ontologia da existência condenada, me chamou a atenção.

E agora, José¹⁹?

¹⁹ E agora, José? A festa acabou, a luz apagou, o povo sumiu, a noite esfriou, e agora, José? e agora, você? você que é sem nome, que zomba dos outros, você que faz versos, que ama, protesta? e agora, José? Está sem mulher, está sem discurso, está sem carinho, já não pode beber, já não pode fumar, cuspir já não pode, a noite esfriou, o dia não veio, o bonde não veio, o riso não veio, não veio a utopia e tudo acabou e tudo fugiu e tudo mofou, e agora, José? E agora, José? Sua doce palavra, seu instante de febre, sua gula e jejum, sua biblioteca, sua lavra de ouro, seu terno de vidro, sua incoerência, seu ódio — e agora? Com a chave na mão quer abrir a porta, não existe porta; quer morrer no mar, mas o mar secou; quer ir para Minas, Minas não há mais. José, e agora? Se você gritasse,



Passei a compreender melhor a história de Alex²⁰, contada em seu livro: *Existências Condenadas*. No capítulo mencionado, o Professor Gustavo descreveu o quanto sua prática mostrou-se insuficiente. Em suas palavras:

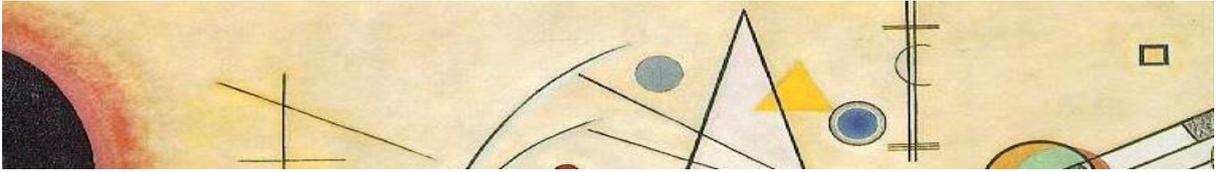
Meus métodos e compreensões teóricas, até então retirados da fenomenologia existencial de inspiração heideggeriana, me diziam de um homem que se realiza como um porvir que existe enquanto ser-aí e que a antecipação da morte como fato ontológico o elevaria a uma autenticidade de Ser que lhe desvelaria para si mesmo. Viktor Frankl havia me ensinado a ajudar as pessoas a buscar o sentido da vida, até no campo de concentração. Esses autores tão distantes de Alexandre – o primeiro era nazista, o segundo judeu – respondiam de lados opostos das trincheiras aos dilemas da segunda guerra mundial, mas o principal é que eles tinham, desde sua cultura, uma temporalidade distinta à nossa (SANTOS, 2018, p.143).

Essa análise teve como proposta re-pensar o fruir das vozes que ecoam da América. Lugar onde ecoam os gritos, as vozes marginalizadas. Isso porque esses meninos não vivenciam a guerra como uma possibilidade histórica, mas como sendo parte do solo em que nasceram. Fazer parte dessa engrenagem é questão de Vida e de Morte, assim, os *Damnés* “vivem a guerra desde que nasceram e prometem a si mesmo morrer nela” (SANTOS, 2018, p.144).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

se você gemesse, se você tocasse a valsa vienense, se você dormisse, se você cansasse, se você morresse..., Mas você não morre, você é duro, José! Sozinho no escuro qual bicho-do-mato, sem teogonia, sem parede nua para se encostar, sem cavalo preto que fuja a galope, você marcha, José! José, para onde?

²⁰ Maldonado-Torres cita Frantz Fanon em seu artigo. “Esta muerte siempre amenazante es materializada en la hambruna generalizada, el desempleo, un nivel alto de muerte, un complejo de inferioridad y la ausencia de esperanza por el futuro. Todas estas formas de corroer la existencia del colonizado hacen que su vida se asemeje a una muerte incompleta” (TORRES-MARDONADO, 2007, p. 147).



Mostra-se, portanto, emergente pensar e repensar como as violências impactam nas diversas vidas que compõe esse tecido social, essa trama social. É um tecer e (re) tecer cotidianamente a vida. Assim, afirmo a minha responsabilidade de sair óbvio, de não permanecer na zona de conforto, construir e transformar. Contribuir para visibilizar as vozes das vidas que clamam por dignidade.

Ademais, não podemos esquecer do compromisso ético, sobretudo, da classe intelectual, mirando no propósito e no exercício de descolonizar o pensamento fenomenológico-existencial e humanista na América-Latina. Seguindo nessa acepção, temos a incumbência, como psicólogas e psicólogos latino-americanos que trabalham com o saber Fenomenológico-Existencial no Brasil, dialogar com as Escolas de pensamentos decoloniais, a fim de expandir e reconsiderar sua base epistemológica, bem como sua práxis, dado que nosso solo é justamente o espaço de fruição e (co) existência ética. Consequentemente, a postura do terapeuta se concentra na abertura para a experiência do Outro.

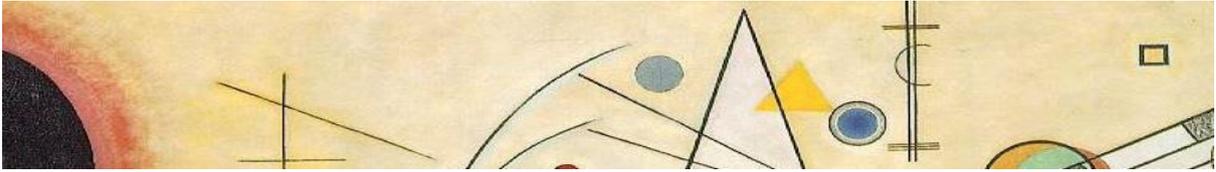
Esse estudo não teve como intensão esgotar os conceitos propostos pela TEL, mas propor a possibilidade de repensar minha prática como psicóloga e, de fato, exercer uma Psicologia Brasileira.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **Macunaíma. O herói sem nenhum caráter**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1987.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008, 194p.

_____. **Os Condenados da Terra**. Trad. José Laurênio de Melo. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1968, 275p.



_____. **Alienação e Liberdade: Escritos Psiquiátricos.** Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: Ubu Editora, 2020, 400p.

FREITAS, E.C.D.F; PRODANOV, C.C. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico.** 2. Ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013, 271p.

GALEANO, Eduardo. **O livro dos Abraços.** Trad. Eric Nepomuceno. 9. Ed., Porto Alegre: L&PM, 2002, 270p.

MOURA, Murilo Marcondes. **Cadernos de Leitura Carlos Drummond de Andrade: Orientação para o trabalho em sala de aula.** São Paulo: Editora Schwarcz, 2012, 158p.

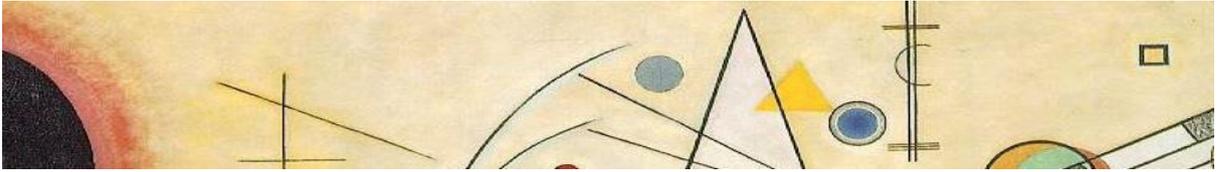
QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América-Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais.** Buenos Aires: CLACSO, 2005, 130p.

SANTOS, Gustavo Alvarenga Oliveira. Contribuições do pensamento de Rodolfo Kusch para o desenvolvimento de uma Psicologia Existencial Latino-Americana. **Rev. Abordagem Gestalt.**, v.25, n.1, 2019, pp.73-82. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672019000100008
Acesso em: 20/02/2021.

_____. **Existências Condenadas.** 1.Ed., 2020. *E-book* (posição 1 de 1800). ASIN: B08JJX8R8Y – Edição Digital.

_____. Psicologia Fenomenológico-Existencial e Pensamento Decolonial: Um Diálogo Necessário. **Revista NUFEN.**, v.9, n.3, 2017, pp.93-109. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912017000300007. Acesso em: 20/02/2021.

_____. Quarto de Despejo de Carolina Maria de Jesus: testemunho de uma existência condenada. **pragMATIZES Revista Latino-Americana de Estudos e Cultura.**, v.8, n.15, 2018, pp.77-89. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/pragmatizes/article/view/10519/15870>. Acesso em: 20/02/2021.



_____. **Terapia Fenomenológico-Existencial nas comunidades Populares: Por uma terapêutica hilética e brasileira situada.** 1. Ed., Curitiba: Editora CRV, 2016, 152p.

_____. **Terapia Existencial da Libertação: Ensaio introdutório.** 1. Ed., Porto Alegre: Editora Fi, 2018, 218p.

_____. **Terapia Existencial da Libertação: Fundamentos da prática.** 1. Ed., Porto Alegre: Editora Fi, 2020, 220p.

TORRES-MALDONADO, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de um concepto. En: Castro-Gomés, Santiago; Grosfoguel, Ramón. **El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global.** Bogotá: Siglo del Hombre Editores, 2007, 308p.